

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

A Mudança Linguística como Cognição e Ação Conjunta: Automatização, Inferência e Identidade na Gramaticalização de 'tipo' no Português Brasileiro

Saulo Rogério Pacheco Rocha, Danton Henrique Santos D´Almeida

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.14990>

Submetido em: 2026-01-29

Postado em: 2026-02-04 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A Mudança Linguística como Cognição e Ação Conjunta: Automatização, Inferência e Identidade na Gramaticalização de 'tipo' no Português Brasileiro

*Linguistic Change as Cognition and Joint Action: Automatization,
Inference, and Social Identity in the Grammaticalization of 'tipo' in
Brazilian Portuguese*

Saulo Rogério Pacheco Rocha
<https://orcid.org/0000-0003-3715-6706>

Danton Henrique Santos D'Almeida
<https://orcid.org/0000-0001-6451-9379>

Resumo:

Este artigo investiga a gramaticalização do item lexical *tipo* no Português Brasileiro Contemporâneo, compreendendo a mudança linguística como um processo simultaneamente cognitivo e social. Partindo da constatação de sua ampla multifuncionalidade em registros coloquiais e digitais, o estudo propõe que os usos de *tipo*, como aproximador, hedge, quotativo e marcador discursivo, não configuram uma polissemia aleatória, mas uma trajetória unidirecional de gramaticalização em curso. Teoricamente, o trabalho articula a Linguística Diacrônica Baseada no Uso, conforme Bybee (2007), que explica a mudança por meio de mecanismos como automatização, inferência pragmática, subjetivização e decategorialização, à Linguística Sociocognitiva de Croft (2009), que concebe a linguagem como ação conjunta e enfatiza o papel da variação na verbalização e da convenção em comunidades de prática. Metodologicamente, adota-se uma abordagem qualitativa-exploratória, com dados extraídos de postagens do Twitter (atual X), interpretados à luz da intuição linguística dos pesquisadores. A análise evidencia que a difusão de *tipo* é impulsionada tanto por sua eficiência cognitiva na gestão da imprecisão e da atitude do falante quanto por sua indexicalidade social, funcionando como marcador identitário em contextos interacionais informais. Conclui-se que a integração entre cognição e dinâmica social é fundamental para compreender a mudança linguística no português brasileiro contemporâneo.

Palavras-chave: Gramaticalização; Linguística Baseada no Uso; Linguística Sociocognitiva; Mudança Linguística; *Tipo*.

Abstract:

This article examines the grammaticalization of the lexical item *tipo* in contemporary Brazilian Portuguese, approaching linguistic change as a process that is both cognitive and social. Starting from its widespread multifunctionality in colloquial and digital registers, the study argues that the uses of *tipo*, as an approximator, hedge, quotative, and discourse marker do not constitute random polysemy, but rather reflect a unidirectional grammaticalization trajectory currently in progress. The analysis integrates two complementary theoretical frameworks: Usage-Based Diachronic Linguistics (Bybee), which accounts for change through mechanisms such as automatization, pragmatic inference, subjectification, and decategorialization; and Croft's Sociocognitive Linguistics, which conceptualizes language as joint action and highlights the role of verbalization variation and convention within communities of practice. Methodologically, the study adopts a qualitative-exploratory approach, analyzing data from Twitter (currently X) interpreted through the researchers' native speaker intuition. The findings indicate that the diffusion of *tipo* is driven not only by its cognitive efficiency in managing approximation and speaker stance but also by its social indexicality, functioning as an identity marker in informal interactional contexts. The article concludes that an integrated cognitive and social perspective is essential for understanding ongoing linguistic change in Brazilian Portuguese.

Keywords: Grammaticalization; Usage-Based Linguistics; Sociocognitive Linguistics; Linguistic Change; *Tipo*

1 INTRODUÇÃO

A língua, longe de ser um sistema estático de regras imutáveis, configura-se como uma atividade cognitiva e social em perpétua transformação. No Português Brasileiro, doravante (PB), contemporâneo, especialmente em registros coloquiais e mediados por tecnologia, observamos um dinamismo acelerado que desafia as categorizações tradicionais da gramática normativa. Um dos exemplos mais paradigmáticos desse fenômeno é a multifuncionalidade do item lexical ‘tipo’. Originalmente um substantivo denotando ‘espécie’, ‘modelo’ ou ‘caráter’, o item ‘tipo’ expandiu seu escopo funcional de maneira massiva, passando a operar como aproximador numérico (‘tipo dez reais’), mitigador ou hedge (‘eu tipo não sabia’), marcador discursivo e introdutor de citações diretas ou quotativo (‘e ela tipo: sai daqui’). Embora a frequência e a onipresença desse fenômeno sejam evidentes para qualquer falante nativo, a descrição linguística de sua trajetória e os mecanismos cognitivos e sociais que sustentam essa mudança ainda carecem de uma explicação teórica integrada.

Estudos recentes, como os de Nascimento, Melo e Codinoto (2024), avançaram significativamente na descrição taxonômica desse fenômeno, classificando os usos do item em categorias distintas, como ‘Tipo 1’ (substantivo) e ‘Tipo 2’ (advérbio, conjunção etc.). Estes e outros trabalhos são fundamentais para atestar a existência da recategorização ou semanticização do termo. No entanto, ao focar no produto final da mudança, a classificação dos usos atuais, permanece uma lacuna explicativa crucial sobre o processo da mudança. Como, cognitivamente, um substantivo concreto passa a desempenhar funções gramaticais abstratas e subjetivas? E por que, socialmente, essa inovação específica se difundiu e se fixou tão rapidamente em grupos identitários específicos, operando como uma convenção comunicativa?

Para responder a essas questões, este trabalho propõe uma análise da trajetória de ‘tipo’ sob a ótica da gramaticalização, entendida aqui não apenas como uma mudança histórica distante, mas como um processo contínuo e verificável na sincronia atual. A tese central defendida é a de que a multifuncionalidade de ‘tipo’ não é

aleatória, mas resultado de uma trajetória unidirecional impulsionada por mecanismos cognitivos universais e fixada dinâmicas de interação social. Para sustentar essa argumentação, articulamos duas lentes teóricas complementares: a Linguística Diacrônica Baseada no Uso, representada por Joan Bybee (2007), e a Linguística Sociocognitiva, proposta por William Croft (2009).

Sob a perspectiva de Bybee (2007, p. 969), a gramaticalização é compreendida como um processo de automatização de sequências linguísticas frequentes, análogo à automatização de habilidades motoras ou cognitivas gerais. A alta frequência de uso de construções envolvendo ‘tipo’ desencadeia mecanismos cognitivos específicos que alteram sua representação mental. O primeiro mecanismo crucial é a inferência pragmática (ou fortalecimento pragmático), em que significados inferidos pelo contexto (como a ideia de ‘aproximação’ derivada da comparação) se tornam parte do significado convencional do termo (Bybee, 2007, p. 976). Além disso, observa-se o processo de subjetivização, uma tendência diacrônica na qual significados objetivos, baseados no mundo externo, evoluem para significados baseados na atitude ou crença do falante (Bybee, 2007, p. 977), explicando a emergência de ‘tipo’ como um hedge ou marcador de opinião. Concomitantemente, ocorre a decategorialização, em que o item perde suas propriedades morfosintáticas originais de substantivo (como flexão de número e modificação por adjetivos) (Bybee, 2007, p. 971-972), e o bleaching (esvaziamento semântico), que permite sua generalização para contextos cada vez mais amplos (Bybee, 2007, p. 975).

Entretanto, a cognição não ocorre no vácuo. Como argumenta Croft (2009), a linguística cognitiva deve superar uma visão solipsista e reconhecer que a linguagem é uma forma de ação conjunta (joint action) (Croft, 2009, p. 3). O autor argumenta que a mudança gramatical não surge apenas na mente do indivíduo, mas emerge da variação na verbalização (Croft, 2009, p. 24). Croft (2009) postula que, em qualquer ato comunicativo, existe uma indeterminação fundamental: falantes têm à disposição um repertório de variantes para verbalizar uma mesma cena (e.g.: quase, meio que, tipo) e a escolha de uma forma específica é uma tentativa de coordenar a atenção do

ouvinte. Nesse contexto, o uso inovador de ‘tipo’ atua como uma convenção, uma regularidade de comportamento que serve como dispositivo de coordenação em uma comunidade.

A integração dessas perspectivas permite formular a hipótese de que ‘tipo’ atravessa um contínuo de gramaticalização que se inicia na variação cognitiva de verbalização (variação de 1ª ordem) e se consolida através da indexicalidade social (variação de 2ª ordem) (Croft, 2009, p. 25-26). O item deixa de ser apenas uma opção lexical para se tornar um marcador de identidade dentro de Comunidades de Prática específicas, grupos definidos pelo engajamento mútuo e repertório compartilhado, como as comunidades juvenis e digitais.

No Brasil, com a expansão massiva do acesso a computadores pessoais e à internet a partir da década de 2000, o estereótipo do jovem que utiliza marcadores discursivos como ‘tipo’ consolidou-se. Essa associação não é recente; referências ao termo como um dos ‘vícios de linguagem’ aparecem já em 2005 (Silveira, 2005 apud Freitag, 2007, p. 30), e provavelmente são ainda muito anteriores. Cerca de vinte anos depois, observa-se que esse uso não apenas persistiu, como se manteve estereotipicamente vinculado à mesma comunidade de fala. Assim, a difusão de ‘tipo’ deve ser explicada não apenas por sua utilidade cognitiva (como ferramenta de processamento inferencial), mas também por sua função social de sinalizar pertencimento e coordenar a interação informal.

Este artigo se estrutura, portanto, da seguinte forma: primeiro, detalharemos os mecanismos cognitivos de mudança propostos por Bybee, aplicando-os aos diferentes estágios funcionais de ‘tipo’ (do relacional ao discursivo). Em seguida, utilizaremos o modelo sociocognitivo de Croft (2009) para analisar como a variação individual na verbalização se transforma em convenção comunitária. Por fim, propomos uma trajetória hipotética de gramaticalização para o termo, apontando como a interação entre cognição individual (automatização e inferência) e cognição social (convenção e identidade) é indispensável para compreender a complexidade da mudança linguística no português brasileiro contemporâneo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA I: O MOTOR COGNITIVO DA MUDANÇA

Para compreender a trajetória do item lexical ‘tipo’ no português brasileiro contemporâneo, é imperativo abandonar a concepção da língua como um sistema estático ou modular, no qual a mudança seria um evento acidental ou periférico. Adotamos aqui a perspectiva da Linguística Diacrônica Baseada no Uso, conforme postulada por Bybee (2007), que entende a gramática como um sistema emergente, constantemente criado e recriado por meio da experiência comunicativa (Bybee, 2007). Nessa abordagem, a estrutura linguística não é autônoma, mas sim um reflexo direto de processos cognitivos gerais, como categorização, memória e automatização, operando sobre a linguagem em uso. A gramaticalização, dessa forma, não é apenas um fenômeno histórico, mas o resultado da aplicação reiterada desses mecanismos cognitivos universais sobre itens lexicais específicos.

2.1. A gramaticalização como processo de automatização

O motor primário da mudança linguística na visão de Bybee (2007) é a frequência de uso. A autora argumenta que a gramaticalização é, essencialmente, um processo de automatização de sequências linguísticas frequentemente repetidas. Assim como ocorre em habilidades motoras não-linguísticas, como tocar um instrumento musical ou dirigir, a repetição constante de uma sequência de ações (nesse caso, articulatórias e cognitivas) leva à sua automatização, permitindo que o cérebro processe a sequência inteira como uma unidade única ou um ‘bloco’ (*chunk*), em vez de uma composição de partes independentes. (cf. Bybee, 2007, p. 969)

Este reempacotamento cognitivo tem consequências estruturais profundas, que são vitais para nossa análise de ‘tipo’. Primeiramente, à medida que uma construção se torna mais frequente e automatizada, a identidade das suas unidades componentes é gradualmente perdida. Isso leva à redução da estrutura de constituintes, em que duas orações, ou sintagmas distintos, podem se fundir numa única unidade processual. Em segundo lugar, a automatização frequentemente resulta em redução formal (fonética), visto que a execução neuromotora de sequências altamente frequentes tende a ser

simplificada. O exemplo clássico citado por Bybee (2007, p. 969) é a evolução do inglês *going to* para *gonna*: uma construção de movimento espacial que, ao gramaticalizar-se como marcador de futuro, sofreu fusão e redução fonética drástica devido à alta frequência.

Concomitantemente à automatização, há o fenômeno da decategorialização. Esse mecanismo se refere à perda gradual das propriedades morfosintáticas que caracterizavam o item em sua categoria lexical original (substantivo ou verbo) à medida que ele assume funções gramaticais. Um item em processo de gramaticalização tende a perder a capacidade de receber afixos flexionais, determinantes ou modificadores típicos de sua classe de origem. Bybee (2007, p. 971) ilustra a decategorialização com o verbo *can* em inglês, que perdeu sua capacidade de tomar objetos diretos (transitar de *cunnan* ‘saber’ para um auxiliar modal) e suas formas não finitas. Outro exemplo pertinente é a conjunção *while*, originada de um substantivo que significava ‘um período de tempo’. Ao gramaticalizar-se como conjunção, *while* perdeu as propriedades nominais: não aceita mais artigos ou adjetivos (*‘the same while’* ou *‘a boring while’* são agramaticais na função de conjunção). (Bybee, 2007, p. 972)

Transpondo para o nosso objeto de interesse aqui, a teoria prevê que, para ‘tipo’ funcionar como uma partícula gramatical (seja aproximador ou marcador discursivo), ele deve exibir sinais de resistência à flexão de número e à modificação por adjetivos, se forma a se comportar como uma unidade invariável e decategorializada, distinta do substantivo ‘tipo’ que aceita plurais e determinantes. Cabe lembrar também que a decategorialização não é um evento binário, mas gradiente, de forma a refletir a natureza da gramática, composta de categorias fluidas moldadas pela cognição em uso.

2.2. Mecanismos de mudança semântica: inferência e subjetivização

Se a automatização explica as mudanças formais e estruturais, a transformação do significado durante a gramaticalização é explicada por mecanismos de alteração

semântica, notadamente a generalização (*bleaching*), a inferência pragmática e a subjetivização. Temas que abordaremos brevemente aqui.

A generalização (esvaziamento semântico) ocorre quando um item perde traços específicos de seu significado lexical, tornando-se aplicável a uma gama mais ampla de contextos. Bybee (2007) sugere que a própria frequência elevada de certos usos contribui para esse esvaziamento, por meio dum processo de habituação: assim como termos expressivos perdem sua força com o uso excessivo, construções gramaticalizantes perdem especificidade semântica. No entanto, o *bleaching* é frequentemente o resultado, e não a causa única, de processos mais complexos como a inferência pragmática.

Embora a metáfora desempenhe um papel na transferência de significados de domínios concretos para abstratos (como partes do corpo sendo usadas para relações espaciais), Bybee (2007) argumenta que o mecanismo primordial na gramaticalização é a inferência pragmática (ou metonímia). A comunicação humana é inerentemente inferencial; o ouvinte constantemente deduz mais do que é dito explicitamente, baseando-se no contexto. Quando uma inferência específica é feita frequentemente em associação com uma construção particular, essa inferência pode ser convencionalizada e passar a integrar o significado da própria construção.

O exemplo clássico oferecido por Traugott e König (1991) e discutido por Bybee (2007, p. 976-977) é o da conjunção *since* (desde), que originalmente tinha um sentido puramente temporal ('desde o tempo que'). Como eventos sequenciais no tempo frequentemente implicam causalidade, a inferência de causa ('já que') tornou-se gradualmente parte do significado de *since*, permitindo seu uso em contextos puramente causais no qual o sentido temporal está ausente. Bybee (2007) enfatiza que a mudança por inferência é gradual e dependente do contexto, ocorrendo na fluidez do discurso. Para o caso de 'tipo', a teoria sugere que a função de aproximador ('tipo dez reais') não surge de um salto aleatório, mas da inferência de que, ao comparar uma quantidade a um 'modelo' ou 'tipo', o falante não se compromete com a precisão exata, convencionalizando a imprecisão.

Finalmente, a trajetória semântica da gramaticalização é marcada pela subjetivização. Seguindo as propostas de Traugott, Bybee (2007) observa uma direção consistente de mudança: de significados baseados em situações objetivas e extralinguísticas para significados baseados na textualidade e, finalmente, na atitude ou crença do falante sobre o que é dito. Essa trajetória, Proposicional → Textual → Expressiva, representa um aumento no grau de subjetividade.

Elementos linguísticos que inicialmente descrevem o mundo objetivo tendem a evoluir para marcadores que expressam a perspectiva do falante, como a mudança de modalidade orientada para o agente (obrigação/habilidade) para modalidade epistêmica (possibilidade/probabilidade segundo o falante) (Bybee, 2007, p. 977). A subjetivização é crucial para explicar como um substantivo que denota uma classe de objetos ('tipo de carro') pode se transformar em um *hedge* ('eu, tipo, não sei'), em que sua função não é mais categorizar o mundo, mas sinalizar a hesitação, o distanciamento, ou a postura do falante em relação ao seu próprio enunciado. Este movimento em direção à subjetividade é unidirecional e previsível interlinguisticamente, fornecendo uma base teórica sólida para antecipar as funções discursivas que 'tipo' assume no estágio avançado de sua gramaticalização.

Em suma, as propostas de Bybee (2007) para a mudança cognitiva da língua nos fornecem o ferramental necessário para parte da análise a que aqui nos propomos: a repetição frequente em contextos de uso discursivo desencadeia a automatização (levando à decategorialização e fusão) e promove inferências pragmáticas que, ao se convencionalizarem, deslocam o significado do domínio objetivo para o subjetivo. Contudo, como veremos na seção seguinte, esses processos cognitivos não ocorrem isoladamente, mas são instanciados na interação social.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA II: O VEÍCULO SOCIAL DA MUDANÇA

Se a perspectiva de Bybee (2007) nos fornece o motor cognitivo, a automatização e a inferência, que possibilita a emergência de novas funções gramaticais para 'tipo', ela permanece, contudo, incompleta se não considerarmos o ambiente na qual essa cognição opera. A linguagem não reside isoladamente na mente

do indivíduo; ela é fundamentalmente um fenômeno interacional humano. Para compreender por que certas inovações cognitivas (como o uso de ‘tipo’ como *hedge*) se fixam e se difundem em grupos específicos enquanto outras desaparecem, recorreremos à Linguística Sociocognitiva de William Croft (2009). O autor argumenta que a gramática deve ser entendida não apenas como processamento mental, mas como um instrumento de coordenação social, em que a variação e a convenção desempenham papéis decisivos na mudança linguística.

3.1. A linguagem como ação conjunta e coordenação

A premissa central de Croft (2009) é o deslocamento do foco analítico de uma competência puramente individual para a ação conjunta (*joint action*). Falar não é um ato isolado de codificação e decodificação; é uma atividade cooperativa, análoga a dançar um tango ou carregar um móvel pesado em dupla, em que os participantes devem coordenar suas ações individuais para atingir um objetivo comum. Nesse quadro, a comunicação linguística atua como o dispositivo de coordenação primário para viabilizar essas ações conjuntas. (Croft, 2009, p. 5-6)

No entanto, a coordenação comunicativa enfrenta um obstáculo intransponível: a impossibilidade de acesso direto aos estados mentais do outro, “não podemos ler mentes” (Croft, 2009, p. 4). A solução para esse problema de coordenação reside no estabelecimento de uma Base Comum (*Common Ground*), um conjunto de conhecimentos, crenças e suposições compartilhadas entre os interlocutores. A compreensão de um enunciado como ‘eu, tipo, não sabia’, portanto, não depende apenas da descodificação sintática, mas da capacidade do ouvinte de acessar uma base comum (pessoal ou comunal) que permita a ele inferir a intenção comunicativa do falante, de forma a reconhecer o ‘tipo’, não como uma referência a um modelo, mas como um sinal de mitigação ou incerteza que é partilhado naquela interação.

Para Croft (2009), a gramática se constitui, assim, como um sistema de convenções que servem para coordenar a comunicação. Adotando e expandindo a definição de Lewis e Clark, Croft (2009) define convenção como uma regularidade de

comportamento (o uso de uma forma), parcialmente arbitrária, que é de conhecimento comum numa comunidade e serve para resolver um problema de coordenação recorrente. Isso implica numa redefinição do signo linguístico: o símbolo não é apenas um par binário de forma e significado, mas um triângulo semiótico composto pela forma, pelo significado e pela comunidade na qual essa relação é válida. (cf. Croft, 2009, p. 9)

Essa tridimensionalidade é crucial para nossa análise. O significado de ‘tipo’ como ‘espécie’ pertence a uma comunidade de falantes ampla (o ‘português geral’), mas o significado de ‘tipo’ como marcador discursivo, ou quotativo, pertence, inicialmente, a comunidades mais restritas. A mudança linguística, portanto, envolve a renegociação dessas convenções dentro de grupos sociais específicos.

3.2. Variação na verbalização e convenção em comunidades de prática

A conexão entre a cognição individual e a mudança social ocorre, segundo Croft (2009, p. 21-22), por meio da Variação na Verbalização. O autor postula que cada experiência a ser comunicada é única e que o falante dispõe de um repertório de variantes para verbalizar essa experiência. A escolha duma forma linguística específica (verbalização) é sempre uma aproximação, gerando uma indeterminação fundamental e uma variação inerente ao uso da língua.

Para expressar uma noção de aproximação ou exemplificação vaga, por exemplo, o falante do português brasileiro tem à disposição um ‘*pool*’ de variantes sincrônicas: *quase, meio que, cerca de, como*, e o ‘*tipo*’. A mudança gramatical emerge precisamente dessa competição sincrônica. Croft (2009, p. 24) demonstra, com sua análise de narrativas (*Pear Stories*), que verbos e construções variam imensamente para descrever a mesma cena, e é essa variação na verbalização, análoga à variação fonética, que fornece a matéria-prima para a mudança gramatical. O ‘tipo’, ao ser recrutado para verbalizar aproximação, entra em competição com formas estabelecidas.

Mas como uma variante individual se torna uma mudança na língua? Aqui entra o conceito de Comunidades de Prática adotado pela Linguística Socioncognitiva, cuja concepção proposta por Wenger é incorporado por Croft (2009). Essas comunidades são definidas não apenas por características demográficas estáticas, mas pelo engajamento mútuo numa tarefa conjunta e pelo desenvolvimento de um repertório compartilhado de recursos (ferramentas, vocabulário, estilos). É dentro dessas comunidades, sejam elas grupos de adolescentes no chat do *Fornite*, comunidades de fãs de *doramas* ou do *booktok*, que a inovação ‘tipo’ deixa de ser apenas uma variante cognitiva (variação de 1ª ordem) e adquire valor social.

Croft (2009) descreve esse processo como a evolução para uma variação de 2ª ordem, na qual a variante passa a ser socialmente indexada. O uso de ‘tipo’ deixa de ser apenas uma estratégia de processamento de informação vaga e passa a sinalizar: ‘eu pertencço a este grupo’, ‘eu compartilho deste estilo comunicativo informal/diferenciado’. A convenção se estabelece quando o uso de ‘tipo’ se torna a solução preferencial para problemas de coordenação (como introduzir uma citação ou mitigar uma asserção) dentro dessa comunidade específica.

Portanto, a difusão contínua de ‘tipo’ no português brasileiro das últimas décadas não se deve apenas à sua utilidade cognitiva (como facilitador de inferências), mas ao seu papel na construção de identidade social de diversas comunidades de fala perenes. A teoria de Croft (2009) nos permite entender que a gramaticalização é alimentada pela variação individual, mas é filtrada e fixada pela dinâmica de convenção e identidade dentro das comunidades de prática. O ‘tipo’ gramaticalizado é, assim, uma convenção emergente que coordena não apenas o fluxo de informação, mas o alinhamento social entre os interlocutores.

4. METODOLOGIA: UMA SONDAÇÃO QUALITATIVA-EXPLORATÓRIA

Considerando a complexidade dos mecanismos cognitivos e sociais envolvidos na gramaticalização do item ‘tipo’, e reconhecendo a natureza incipiente deste fenômeno em estágios avançados no português brasileiro, este estudo se define como exploratório e reflexivo. Não se objetiva aqui a exaustividade estatística típica da

Linguística de *Corpus* quantitativa, nem o mapeamento sociolinguístico variacionista estrito. Ao contrário, propõe-se uma sondagem qualitativa destinada a identificar a existência e a plausibilidade da trajetória de mudança proposta, apontando indícios fortuitos para pesquisas futuras, com mais fôlego. Este trabalho, portanto, reconhece a internet não como um substituto precário, mas como uma fonte de validade ecológica, e utiliza a intuição linguística como instrumento de acesso à competência pragmática, fundamental para detectar nuances de subjetividade.

4.1. O Twitter como *locus* de variação e inovação

A escolha da rede social Twitter (no presente, X) como fonte primária de exemplos não é aleatória, mas teoricamente motivada pelas lentes de Croft (2009). Se a mudança linguística emerge da variação na verbalização e se difunde por meio de convenções em Comunidades de Prática, o ambiente digital microblogging se configura como um laboratório possível de observação, já que a plataforma, até o momento de escrita desse trabalho, permite a pesquisa por itens postados (o texto dos *tweets*) assim como o acesso de contas públicas para o reconhecimento básico de perfis de usuários.

O Twitter funciona como um espaço de ação conjunta intensa, rápida e de extrema complexidade, em que a economia de caracteres (que ainda é um fator, mesmo com o fim do limite de 140) e a necessidade de expressividade subjetiva (marcar atitude, ironia, pertencimento) tornam os incentivos ao uso de termos em processo de gramaticalização maiores. Ele é o repositório da ‘variação de segunda ordem’ descrita por Croft (2009), em que o uso de ‘tipo’ já se encontra socialmente indexado a grupos específicos. Os exemplos foram coletados através de buscas de palavras-chave sintaticamente orientadas (e.g.: sequências como ‘*eu tipo*’, ‘*ficou tipo*’, ‘*ela tipo*: ‘ seguidas de discurso direto), selecionando-se ocorrências que ilustrassem claramente os diferentes estágios hipotetizados na trajetória de gramaticalização.

4.2. A intuição linguística como acesso à inferência pragmática

A análise dos dados baseia-se na intuição linguística dos pesquisadores enquanto falantes nativos do português brasileiro. Esta ferramenta é indispensável dada a natureza dos mecanismos cognitivos propostos por Bybee (2007). A gramaticalização via inferência pragmática e subjetivização opera em níveis sutis de significado que ferramentas automáticas de análise não conseguem captar.

De forma a sistematizar a análise a partir da intuição linguística dos autores, ancorada no que Croft (2009) define como Base Comum, distinguimos cinco estágios hipotéticos de gramaticalização para o termo ‘tipo’, que configuram um *continuum* de generalização:

- Estágio 0: Substantivo (Lexical). A forma canônica referencial. (e.g.: “aqui na terra dos seres de consciência ascendida nós amamos todos os tipos de chocolate”.)¹
 - Significado: ‘modelo’, ‘espécie’.
- Estágio 1: Comparativo/Exemplificador (Relacional). Estabelece relações de semelhança.(e.g.: “*john doe é tipo o herobrine do roblox*”)
 - A inferência operante é ‘é como’ ou ‘é um exemplo do tipo’.
- Estágio 2: Aproximador (Proposicional). Quantificação vaga via inferência pragmática. e.g.: “meu deus eu achei que era caro tipo 100 reais o shampoo e condicionador. Só o SHAMPOO É 180 REAIS”)
 - Inferência: ‘é próximo ao valor, mas impreciso’.
- Estágio 3: Hedge/Quotativo (Subjetivo). A imprecisão é aplicada à atitude do falante (Subjetivização). (e.g.: “Ele tipo precisa captar luz solar pra armazenar ela, aí no escuro ele brilha” (mitigação) ou “eu lembro que todo mundo ficou decepcionado e eu tipo “galera vcs estão sendo racistas””)
 - O falante enquadra a fala/pensamento como exemplo de sua reação.

¹ Os exemplos doravante citados são extraídos de usos reais de usuários do Twitter, portanto, serão citados de forma anônima e não terão seus autores citados. De forma a preservar ainda mais a privacidade dos autores, nenhum dos exemplos foi retirado de perfis pessoais identificáveis, apenas perfis anônimos.

- Estágio 4: Marcador Discursivo (Textual). O esvaziamento semântico (*bleaching*) é máximo, restando a função interacional. (e.g.: ‘nem assisto essa serie mas tipo assim, que coisa mais linda... eu te amo brasil, eu te amo carnaval, eu te amo criatividade brasileira’)

O julgamento de aceitabilidade e a interpretação das nuances de sentido constituem, portanto, o método analítico central para verificar se as construções do Twitter refletem uma alta produtividade dos usos de *tipo* de estágios de maior grau de esvaziamento (*bleaching*). É crucial ressaltar que não propomos a substituição linear duma forma pela outra, mas sim uma coexistência estratificada (*layering*): os estágios compõem um repertório mais ou menos comum, no qual as formas originais e inovadoras convivem de maneira desuniforme nas diferentes comunidades de prática. O fator distintivo é a produtividade de cada função, de cada estágio. Enquanto o uso lexical é basicamente universal no PB, qualquer falante nativo sabe o que é um tipo de alguma coisa, a ativação dos estágios gramaticalizados (de maior grau, como o *hedge*) é assimétrica, condicionada pelo recorte geracional e estilístico do falante e pela Comunidade de Prática em que o enunciado é performado. Presume-se, assim, que seja, de maneira estável ao longo das décadas, dominante em grupos juvenis e marginal em comunidades mais conservadoras.

4.3. Limitações do escopo e necessidade de rigor futuro

Antes da apresentação das análises, se faz necessária uma delimitação precisa do enfoque desta pesquisa: o caráter exploratório deste trabalho impõe restrições metodológicas deliberadas. As teorias aqui mobilizadas, em suas aplicações mais estritas, demandariam metodologias mais robustas para uma corroboração definitiva:

1. **Quanto a Bybee:** A validação plena da hipótese de automatização exigiria a comprovação de alta frequência relativa em grandes corpora diacrônicos, de forma a demonstrar estatisticamente que o aumento do uso se correlaciona com a redução fonética e a erosão semântica.

2. **Quanto a Croft:** A comprovação da difusão social exigiria estudos etnográficos ou de análise de redes sociais para mapear como a inovação se espalha ao longo das linhas de contato e engajamento mútuo em comunidades específicas.

Diante disso, este estudo reafirma o seu escopo: em vez de buscar confirmação quantitativa, foca na plausibilidade teórica. Os exemplos extraídos do Twitter e a análise introspectiva servem para cartografar a trajetória de mudança, demonstrando que os estágios previstos pela teoria são atestados no uso real. Transfere-se para pesquisas futuras a tarefa de mensurar a densidade estatística e a demografia precisa do fenômeno. O objetivo central, portanto, é demonstrar que a multifuncionalidade de ‘tipo’ pode ser explicada coerentemente pela integração entre cognição e sociedade, estabelecendo as bases conceituais para investigações quantitativas subsequentes.

5. ANÁLISE DA TRAJETÓRIA DO ‘TIPO’: DA CATEGORIZAÇÃO À SUBJETIVIDADE

A análise dos exemplos coletados, interpretados à luz da intuição linguística, revela que o item *tipo* no português brasileiro não apresenta apenas uma polissemia aleatória, mas se distribui ao longo de um *continuum* de gramaticalização. Esta trajetória é unidirecional e cumulativa: os usos mais de maior grau no contínuo (mais gramaticais) pressupõem os mecanismos cognitivos operados nos estágios anteriores. Abaixo, dissecamos os cinco momentos cruciais dessa evolução, demonstrando como a variação na verbalização é moldada pela automatização e inferência.

5.1. Do lexical ao relacional: a emergência da comparação (Estágios 0 e 1)

O ponto de partida da trajetória (Estágio 0) é o uso pleno do substantivo, no qual ‘tipo’ conserva todas as suas propriedades e categorias. Vale lembrar, no entanto, que mesmo esse uso já possui uma certa carga semântica de ‘abstração’ ou ‘generalidade’, o que pode ter sido a origem desse processo de esvaziamento. Em enunciados como (1) ou (2), o item aceita flexão de número e determinantes, se referindo a uma categoria ontológica (‘espécie’, ‘modelo’). Aqui, a função é puramente referencial.

- (1) *Ai eu acho esse tipo de calcinha tão lindo*
- (2) *Existem dois tipos de militares, os que fazem cursos (comandos, guerra na selva, pantanal) e vivem o exército*

A mudança se inicia (Estágio 1) quando o item é recrutado para estabelecer relações de semelhança, operando via metáfora.

- (3) *Vocês podiam fazer uma prova retro de resistecia [sic], **tipo** aquela da esponja.*
- (4) *Já pesquisei e nunca achei nada, só uns falando mas nunca uma evidência, **tipo** esse print que mandaram aqui de alguém afirmando uma coisa sem provas*

Nestes casos, ocorre o primeiro nível de esvaziamento (*bleaching*): o sentido estrito de ‘categoria taxonômica’ se esvazia. O falante não está classificando a *prova da esponja* ou o *esse print* cientificamente, mas estabelecendo uma analogia. Cognitivamente, a estrutura sintática começa a se rigidificar ‘tipo’ perde a preposição ‘de’ (frequente no Estágio 0: ‘tipo de coisa’) e passa a atuar como uma preposição comparativa, similar a *como* ou *feito*. Socialmente, essa variante compete com outras formas de verbalização comparativa, mas ganha terreno pela economia cognitiva de não exigir a morfologia comparativa completa (‘tão... quanto’ ou ‘parecido com’).

5.2. A inferência de aproximação: ‘tipo’ como quantificador vago (Estágio 2)

O salto para a função de aproximador revela a atuação decisiva da Inferência Pragmática descrita por Bybee (2007). As sentenças (5), (6) e (7) são exemplos desse uso:

- (5) *pior q esse fit inteiro custou **tipo** 50 reais da pra julgar ele não*
- (6) *o estagiário novo me pedindo ajuda sendo que eu cheguei **tipo** em novembro eu sei tanto quanto vc*
- (7) *uma tecnica de animacao bem antiga que consiste em traçar sobre uma gravação real fiz uns 3 segundos de video e levou **tipo** o dia inteiro*

Neste estágio, a comparação literal se torna insustentável, o mecanismo cognitivo em ação é inferencial: ao afirmar que o valor é ‘*tipo* 50’, o falante implica

que não é *exatamente* 50, mas reside na vizinhança semântica desse valor, o mesmo vale para o mês que o autor de (6) chegou ou o tempo que o autor de (7) levou para animar 4 segundos de vídeo. A inferência de ‘imprecisão’ ou ‘aproximação’, repetida frequentemente, se convencionaliza como o significado central do termo.

Sob a ótica de Croft (2009), esse uso resolve um problema de coordenação comunicativa: como verbalizar uma quantidade sem se comprometer com a precisão (o que poderia ser contestado pelo ouvinte)? O ‘tipo’ vence a competição com variantes como *aproximadamente* (muito formal) ou *quase* (que implica não ter atingido o valor), se fixando como um quantificador vago versátil. Nota-se aqui um avanço na decategorialização: ‘tipo’ opera sobre numerais e sintagmas temporais, posições atípicas para um substantivo.

5.3. Subjetivização e identidade: *hedges* e quotativos (Estágio 3)

É nos ambientes digitais (neste caso, o Twitter) que observamos a explosão dos usos mais subjetivos, corroborando a tese de Traugott e Bybee (2007) de que a mudança caminha do proposicional para o expressivo (Subjetivização)

O *Hedge* (Mitigador) em (8), (9) e (10):

(8) *gente eu não consigo ver essa beleza toda que vocês dizem ver em mim não. Todo santo dia alguém vem me falar que eu sou bonita ou cheirosa e eu tipo me sinto um saco de coco???*

(9) *vai se fude aql meme do bts ‘ainda posso ouvir sua voz suga hyung’ e ele tipo parado do lado deles eu amo minha familia*

(10) *espero muito que esse jogo de certo mano, a gente tipo PRECISA de um jogo minimamente decente*

Aqui, ‘tipo’ não modifica o verbo saber ou precisar. Ele opera sobre o ato de fala em si. O falante utiliza o termo para mitigar a força da asserção, sinalizando desconforto, hesitação, ênfase ou polidez negativa. O significado se deslocou do mundo (objetos/quantidades) para a atitude do falante (‘eu não estou totalmente comprometido com essa afirmação’).

O *Quotativo* (Introdutor de Discurso) em (11) e (12):

- (11) *as vendedoras todas preocupadas pedindo desculpas e eu **tipo** ai foi nada nao fica dboa desculpa eu com a cara sangrando*
- (12) *o jihoon “muito grande” e o cara tipo “vc aguenta” ai ele com os olhinhos de um anjo vai e da >uma única bocada e come tudo af 😊*

Este uso é paradigmático da Variação de 2ª Ordem de Croft (2009). A função quotativa introduz uma mimese dinâmica (fala, pensamento ou reação facial). Estruturalmente, substitui verbos *dicendi* (disse/falou). Socialmente, no entanto, é altamente indexical. O uso do quotativo ‘tipo’ (frequentemente acompanhado de dois pontos ou encenação na fala oral) marca o falante como membro de uma Comunidade de Prática jovem/digital. É uma convenção que coordena a narrativa de forma dramatizada e ágil, típica da ‘oralidade escrita’ das redes sociais.

5.4. A decategorialização final: o marcador discursivo (Estágio 4)

No Estágio 4, o final, o esvaziamento (*bleaching*) é máximo, e a função se torna puramente textual ou interacional. Exemplos desse estágio são (13), (14) e (15):

- (13) ***tipo**, imagina um dos atores mais famosos e influentes do mundo, de uma das séries mais conhecidas do mundo, postar pedindo por justiça por um crime que você cometeu?.'*
- (14) *fico passada como a celina se “apaixonou” pela flora e já quebrou todos os protocolos por ela, **tipo assim** oq uma mulher não faz sabe'*
- (15) *Gente passou mal que a Paolla começou tão ruim quanto a Virginia na escola 😞 **tipo** vcs forçam tbm né kkkkkk*

Nestes contextos, ‘tipo’ atua como preenchedor de pausa (*filler*) ou conector de reformulação. A intuição linguística nos diz que o termo pode ser removido sem prejuízo ao conteúdo proposicional (‘*vcs forçam tbm né kkkkkk*’), mas sua remoção altera o fluxo interacional.

A construção ‘tipo assim’ merece destaque como evidência do processo de automatização e *chunking* proposto por Bybee (2007). A sequência se torna um bloco inseparável, processado como uma unidade única de coordenação discursiva. A perda total de traços nominais (decatégorialização) é evidente: o item não refere, não compara e não quantifica; ele apenas gere o tempo e o turno da fala enquanto assinala

sociolinguisticamente a identidade do utente, serve como uma ‘muleta’ cognitiva para o planejamento do discurso em tempo real circunscrita a uma identidade do falante.

Em suma, a análise destes exemplos exploratórios parece confirmar a plausibilidade da trajetória: o ‘tipo’ se move do concreto para o abstrato, do objetivo para o subjetivo, impulsionado pela inferência cognitiva e fixado como marcador de identidade em comunidades de prática específicas.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação exploratória sobre a multifuncionalidade do item ‘tipo’ no português brasileiro contemporâneo, conduzida sob a dupla ótica da Linguística Baseada no Uso e da Linguística Sociocognitiva, permite concluir que não estamos diante de uma polissemia desordenada, mas de um caso paradigmático de gramaticalização. O estudo refuta a visão do termo como mero “vício de linguagem”, o redefinindo como uma solução cognitiva e social sofisticada para a gestão da incerteza e da identidade.

A análise dos dados corroborou a hipótese de que a Inferência Pragmática atua como motor primário da inovação semântica, deslocando o sentido de ‘espécie’ para ‘aproximação’ e ‘mitigação’. Confirmou-se, ainda, a trajetória de Subjetivização (Traugott; Bybee, 2007), na qual significados objetivos evoluem para marcadores de atitude do falante. A emergência de *chunks* como ‘tipo assim’ evidencia, por sua vez, a força da automatização na decategorialização do item.

Contudo, a fixação dessas inovações só é plenamente explicada pela lente sociocognitiva de Croft (2009). Argumentamos que o êxito do ‘tipo’ decorre de sua validação em Comunidades de Prática juvenis e digitais. A perenidade do termo, associado ao falar jovem há mais de duas décadas, demonstra que sua função transcende o processamento cognitivo: ele opera como um marcador de identidade estável. Em ambientes de Comunicação Mediada por Computador (CMC), o ‘tipo’ coordena a interação informal, sinalizando pertencimento e alinhamento com a cultura vernacular.

Reconhecendo as limitações do escopo exploratório, apontamos para a necessidade de validação futura através de: (i) estudos fonéticos sobre a redução prosódica do termo; (ii) análises quantitativas de frequência em *corpora* diacrônicos; e (iii) investigações comparativas para distinguir tendências universais de possíveis calques semânticos por contato cultural. Em última análise, compreender a trajetória do ‘tipo’ é compreender a indissociabilidade entre a mente que processa e a sociedade que interage.

8. REFERÊNCIAS

BYBEE, Joan. Diachronic Linguistics. *In*: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (org.). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 966-987.

BYBEE, Joan. **Language, usage and cognition**. New York: Cambridge University Press, 2010.

CROFT, William. Toward a social cognitive linguistics. *In*: EVANS, Vyvyan; POURCEL, Stéphanie (org.). **New Directions in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2009. p. 395-420.

NASCIMENTO, Alessandra Parada do; MELO, Carlos Eduardo Moura de; CODINHOTO, Gisele Maria de Oliveira. Multifuncionalidade da palavra ‘tipo’ no português brasileiro contemporâneo em postagens de mídia social. **A Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 25, n. 1, p. 86-105, 2024.

WENGER, Etienne. **Communities of practice: learning, meaning, and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

9. CONTRIBUIÇÃO DOS/AS AUTORES/AS

Saulo Rogério Pacheco Rocha (UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina | eu@saulo.ru) foi responsável pela conceituação, metodologia e redação – rascunho original, atuando diretamente na elaboração da introdução, análise dos dados e escrita do manuscrito inicial. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3715-6706>

Danton Henrique Santos D’Almeida (UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina | dantonhenrique18@gmail.com) contribuiu com a redação – revisão e edição, sendo responsável pela revisão crítica do conteúdo, comentários e refinamento da versão final do artigo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6451-9379>

10. DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

O autor declara que a pesquisa foi conduzida na ausência de quaisquer relações comerciais ou financeiras que possam ser interpretadas como um potencial conflito de interesses.

11. DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE DE DADOS DE PESQUISA

Todos os dados relevantes gerados ou analisados durante este estudo estão incluídos neste artigo pré-publicado.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.